

## Merleau-Ponty: o sujeito corporal e a percepção de outrem no mundo antepredicativo

Josiana Hadlich de Oliveira<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo tem pretensão de elucidar que a experiência antepredicativa se dá mediante uma consciência encarnada que será compreendida no âmbito de uma percepção originária, pois esta põe o *eu* em contato imediato com o mundo e com *outrem* através de uma nova intencionalidade corporal. Como o conceito de corpo próprio, do filósofo Merleau-Ponty, busca-se tematizar a percepção como uma espécie de engajamento ativo no mundo que tem o corpo (*Leib*) como intermediário entre o sensível e o inteligível, germinando a condição de uma intersubjetividade no qual o outro também aparece como doador de sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Percepção; Corporeidade; Intersubjetividade; Merleau-Ponty.

### Abstract

This article intends to elucidate that an anti-predicative experience occurs through an incarnate consciousness which will be understood within the scope of an original perception, as this makes the *I* get in immediate contact with the world and with *somebody else* by means of a new body intentionality. Through the concept of own body, from philosopher Merleau-Ponty, search to theming a perception as a kind of active engagement in a world that has the body (*Leib*) as intermediate between sensible and intelligible, generating the condition of an intersubjectivity in which the other also appears as a meaning giver.

**KEYWORDS:** Perception; Embodiment; Intersubjectivity; Merleau-Ponty

A redução fenomenológica consiste num retorno à experiência originária da percepção do *Lebenswelt*, e na *Estrutura do Comportamento* Merleau-Ponty considera a experiência perceptiva analisada separadamente nela mesma, com o “sujeito” ou o “objeto” da experiência. Não há, por parte do autor, a decomposição da experiência, mas a tentativa de compreensão da sua unidade, da sua totalidade, pois a experiência do ser-no-mundo<sup>2</sup> não pode ser reduzida aos juízos sobre o mundo, como ocorre numa interpretação idealista da *epoché*. Em Husserl, essa redução eidética é a condição na qual se funda a facticidade, a tese da existência do mundo. Na *Fenomenologia da Percepção*, contudo, Merleau-Ponty tende a

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

<sup>2</sup> Compreender o homem como ser-no-mundo, é entrar nas fronteiras da lógica existencial do próprio Dasein. Heidegger nos fez entender o Dasein como o ser-aí, no qual o “aí” é interpretação no que diz respeito ao lugar onde acontece o velamento e o desvelamento. Assim, o “aí” pode ser compreendido como o mundo, unidade estrutural da existência. Com isso se torna compreensível a relação intrínseca entre o homem e o mundo. Segundo Heidegger, para compreender melhor esse “ser-no-mundo”, é necessário antes averiguar a inerência do homem ao mundo, numa relação constitutiva e numa situação ontológica.

colocar, em parte da redução eidética<sup>3</sup>, o pensamento de que a reflexão se iguala à vida irrefletida da consciência, mas essa mesma ambição é abandonada no seu último livro inacabado, *O Visível e o Invisível*. Neste não há mais paralelismo entre refletido e irrefletido, pensamento e ato, fato e essência; há uma intercepção de um pelo outro.

Por detrás de todas as interpretações da redução, a questão central concerne à distinção entre a atitude natural e a atitude transcendental. Para Merleau-Ponty, Husserl sabia que essas duas atitudes se cruzavam e se interagiam, fazendo com que todo fato de consciência carregue consigo o transcendental. E o estudo de Husserl muda de direção ao querer mostrar a gênese da imanência do sentido que está nas coisas, pois a distinção entre essência e fato se desfaz. As essências deixam de ser algo puro e, para Merleau-Ponty, serão sempre significações em aberto que, ao entrarem em contato com a experiência, poder-se-ia refazê-las.

De todo modo, essa explicitação de um fundo último fenomenológico do *eidōs* não é uma passagem tão tranquila e suficientemente resolvida para Husserl. É aqui que podemos nos confrontar com o caráter paradoxal de sua obra: o entristecido relacionamento entre o domínio ontológico do *Lebenswelt* e aquilo do “Eu puro”. A questão toda é como se opera essa passagem ou como se pressupõe a constituição prévia de uma intersubjetividade transcendental. Tal questão passa a ser reconstruída, em parte, pelo tema da “passividade” [...] de uma passividade enquanto construção primária ou uma forma de experiência que torna inteligível a síntese ativa, possibilitando haver ao redor do “eu”, o mundo dos objetos [...] (SILVA, 2009, p. 222).

Escrevendo acerca disto, Merleau-Ponty é a favor de que o pensamento intuitivo husserliano deve ser posto em movimento, para que a fenomenologia da gênese seja um lugar em que essência e existência estejam ligadas. Assim, a ultrapassagem da atitude natural pela redução serviria para preservar o mundo da atitude natural e manter o problema de como seria possível fazer uma fenomenologia do mundo natural que nos encarrega de compreender os pré-dados, esses “nós” de significação que giram em torno do mundo e do homem, e que nunca são completamente constituídos.

O problema do pré-dado da fenomenologia genética está situado na relação entre o corpo próprio (*Leib*) e o mundo. Para entendermos a experiência primordial que se refere à percepção dos pré-dados já constituídos quando entram no plano de atos da consciência, torna-se necessário compreender como se opera a inerência do *eu* ao mundo e sua interação com *outrem*, já que toda crença na atitude natural e na objetividade das coisas conduz-nos a um elo entre o sensível e o inteligível, no qual poder-se-á buscar o sentido do ser-no-mundo.

<sup>3</sup> Merleau-Ponty rejeita, desde seus primeiros trabalhos, a tese da redução em sentido husserliano. Aliás, esse movimento circular entre a reflexão e o irrefletido já é posto no momento inaugural de sua obra. Em *O Visível e o Invisível*, Merleau-Ponty faz uma autocrítica de sua obra de 1945 (*Fenomenologia da Percepção*). Ele diz que a obra permanece “em parte” tributária de uma filosofia da consciência.

Não é preciso, contudo, perguntar se nós percebemos o mundo verdadeiramente; para desvendar sua essência não é preciso procurar o mundo em ideia, é necessário buscá-lo tal como ele de fato é para nós, e isso antes de qualquer tematização, pois nosso corpo é o pivô da existência de modo que possui um aparato significativo à essência do *eu*, proporcionando um ser que comporta um sentido intrínseco entre percepção e pensamento.

Toda ação configurada pelo corpo provém do apoio que ele encontra no mundo e da evidência de poder articular tanto materialmente quanto espiritualmente com as mundaneidades que se manifestam. Há explicitamente diante de meu corpo um horizonte que o circunda, um *campo de ações possíveis*.

### **Ser-no-mundo: o existir antepredicativo**

Diante do mundo vital que proporciona o estar-dado de todos os objetos possíveis de serem alvo de juízos, o homem se encontra numa espécie de admiração. O mundo se revela não apenas como o ambiente primordial de qualquer pensamento lógico ou conduta prática, mas como o horizonte de toda existência que permite ser expressa através da experiência de estar-no-mundo antes que tenha início a reflexão. Esta experiência permite que possamos ver e conhecer as coisas a partir da presença e do contato intrínseco com os dados concretos dessa unidade denominada “mundo”. Revelando um horizonte aberto e ilimitado, esta experiência sensível e mundana coloca o homem numa relação ativa com aquilo que o transcende e com as peculiaridades de sua própria imanência, pois

O mundo que eu distinguia de mim enquanto soma de coisas ou de processos ligados por relações de causalidade, eu o redescubro “em mim” enquanto horizonte permanente de todas as minhas *cogitationes* e como uma dimensão em relação à qual eu não deixo de me situar. O verdadeiro *Cogito* não define a existência do sujeito pelo pensamento de existir que ele tem, não converte a certeza do mundo em certeza do pensamento do mundo e, enfim, não substitui o próprio mundo pela significação mundo. Ele reconhece, ao contrário, meu próprio pensamento como um fato inalienável, e elimina qualquer espécie de idealismo revelando-me como “ser-no-mundo” (MERLEAU-PONTY, 1972, p. vii-viii).

O homem não está fora do mundo. Ele faz parte do sistema relacional de constituições da mundaneidade, pois o homem e o mundo há um envolvimento recíproco no qual o ser do homem se revela na estrutura daquilo que constitui a própria mundaneidade. Tal experiência existencial concreta permite que vejamos aquilo que o homem é: ser-no-mundo<sup>4</sup>. Em

---

<sup>4</sup> O homem não é um objeto como os demais objetos, uma coisa entre as demais coisas, mas também não carrega um espírito supra-humano. O homem é, antes de mais nada, uma existência em ato, em movimento pelo qual se instala no mundo, marca sua presença e compromete-se com ações que terão um certo ponto de vista sobre o mundo, engajando-se numa situação física, social e cultural. O ser-no-mundo, em Merleau-Ponty, se compreende

*Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty procura metodicamente explicitar que a relação do homem com o mundo se dá sempre pela percepção. Há um mundo que se dispõe diante do homem antes de qualquer juízo ser formulado. O mundo está ali, sempre esteve, é aquilo que vejo antes das mais variadas análises que se possa fazer dele. “Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada poderiam dizer.”<sup>5</sup>

Concomitantemente,

Não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos. Mais geralmente, não é preciso se perguntar se nossas *evidências* são mesmo verdades, ou se, por um vício do nosso espírito, aquilo que é evidente para nós não seria ilusório com referência a alguma verdade em si: pois, se falamos de ilusão, é porque reconhecemos ilusões, e só podemos fazê-lo em nome de alguma percepção [...] Nós estamos na verdade, e a evidência é a “experiência da verdade” (MERLEAU-PONTY, 1972, p. xi, grifo meu).

Por esta razão, a consciência não se resume ao mero pensamento imanente nem na tarefa de construir o mundo real como maquete da síntese da reflexão. Admitindo isso seria negar a abertura essencial do homem ao mundo; seria negar a própria percepção. A análise regressiva cartesiana renuncia a síntese progressiva da qual a fenomenologia se serve, eliminando a possibilidade de serem desvendadas as origens constitutivas das coisas. Merleau-Ponty vai em busca de uma autêntica reflexão, que não é a atitude reducionista husserliana e cartesiana de um idealismo transcendental que provoca a ruptura entre a consciência e o *cogitatum*, mas vai ao encontro de uma reflexão que sirva como meio da tomada de consciência da nossa relação com o mundo, inicialmente pela aparição do mundo. Ele nomeará a consciência aberta ao mundo, a consciência intencional de Husserl, de *consciência perceptiva*<sup>6</sup>. Tal consciência não é mais entendida como constituinte, separada ou externa ao mundo vivido, não é, portanto, uma consciência que julga o mundo e a experiência a partir de representações. O homem deixa de ser ego puro, pois atado ao mundo, ele se torna sempre “ser em situação”, aberto às manifestações dos objetos na experiência que é

---

como um ser ou uma consciência encarnada, um ser situado corporalmente e temporalmente. A percepção enquanto abertura e iniciação ao mundo é esse evento *sui generis*, arquetipo, dessa carnalidade.

<sup>5</sup> MERLEAU-PONTY, *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1972. p. ii.

<sup>6</sup> Merleau-Ponty aprofundará as noções husserlianas de consciência intencional e intersubjetividade. A consciência aberta ao mundo, a consciência intencional de Husserl, ele nomeará de consciência perceptiva. No pensamento merleau-pontyano a consciência já não pode mais ser entendida como constituinte, pois ela não legisla sobre o mundo e a experiência sem levá-los em consideração. Assim, ele recusa uma consciência que parte de representações, recusa uma consciência que não seja consciência de alguma coisa.

antepredicativa<sup>7</sup>; reciprocamente, o mundo deixa de ser um puro *ser em si*, tornando-se abertura e transcendência.

Desvelado pela percepção, esse “ser em situação” e seu engajamento no mundo permite entender os aspectos corporais não mais como soma de dados sensíveis e isolados, pois desdobram-se corporalmente e se inserem num campo perceptivo enquanto contexto englobante. Sendo os dados sensíveis, dados dentro de um contexto, eles se estendem a um horizonte de reflexão no qual “o corpo, retirando-se do mundo objetivo, arrastará os fios intencionais que o ligam ao seu ambiente, para finalmente, revelar o sujeito que percebe assim como o mundo percebido”<sup>8</sup>. Esse é o domínio da experiência pré-objetiva onde reflexão e percepção “enquanto não põe primeiramente um objeto de conhecimento e enquanto é uma intenção de nosso ser total, são modalidades de uma *visão pré-objetiva* que é aquilo que chamamos de ser-no-mundo”<sup>9</sup>. A experiência pré-objetiva une os dois lados de uma mesma moeda, o exterior e o interior, o objetivo e o subjetivo, ou cartesianamente falando, *res cogitans* e *res extensa*, propiciando uma articulação de uma experiência prévia, antepredicativa, onde a separação de dados obtidos só ocorre posteriormente.

Nessa direção, a *Fenomenologia da Percepção*, assume como tarefa pragmática a descrição do mundo pré-objetivo a partir das críticas à fisiologia mecanicista e à análise da psicologia clássica<sup>10</sup>. Essa dimensão do pré-objetivo que é anterior às categorias da fisiologia e da psicologia, permite que o corpo percipiente, que é o sujeito da percepção, possua novas características específicas de sua capacidade sensório-motora, sem a qual ele não se compreenderia como uma potência que dá movimento à existência. Portanto, “o corpo é o veículo do ser-no-mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”<sup>11</sup>. Assim sendo, o acesso ao ser, que se dá através da percepção no mundo, é o acesso ao ser-no-mundo em contato permanente com um mundo de dados prévios de caracteres sensíveis.

Merleau-Ponty elabora uma renovação da fenomenologia que deixa de ser uma pretensão científica de rigor para se tornar uma orientação para o irrefletido, isto é, para o

---

<sup>7</sup> A experiência antepredicativa é, para Husserl, a experiência que torna possível a descrição do surgimento à consciência na percepção de pré-objetos originais, pois eles fundam, por sua auto-evidência, a veracidade de juízos e o valor de verdade das sentenças epistêmicas. Assim sendo, a antepredicatividade recebe uma atenção especial na obra *Experiência e Juízo*, numa análise a respeito da relação genealógica dos objetos com essa experiência tão originária, âmbito no qual o objeto teria sua gênese a partir de constituições passivas e ativas.

<sup>8</sup> MERLEAU-PONTY, 1972, p. 86.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 95.

<sup>10</sup> Na obra *A Estrutura do Comportamento* já há uma crítica ao método da psicologia clássica e comportamental (behaviorismo), mas Merleau-Ponty faz referências a uma análise do comportamento que não o reduz aos movimentos fisiológicos, incorporando, portanto, as noções de “intenção”, “sentido” e “estrutura”.

<sup>11</sup> MERLEAU-PONTY, 1972, p. 97.

mundo vivido. A redução fenomenológica, ao invés de nos conduzir a um ego puro, leva-nos a um *sujeito encarnado situado no mundo*. A consciência não é como realidade descrita numa pureza, mas algo imerso no mundo. Entendida como ser-no-mundo, a consciência é encarnada e comprometida com a possibilidade de apropriação<sup>12</sup> de tudo aquilo que lhe é dado. A ênfase nesta passagem do âmbito transcendental para o âmbito existencial, que começa na facticidade existencial e fenomenal do ser humano, exige que a percepção seja o contato primeiro com o mundo e que o corpo seja sujeito das percepções. Justamente porque somos ser-no-mundo, pensamento encarnado, existência em situação, que a consciência vai para o mundo e, aparecendo como realidade humana no mundo, tem na sua base a auto constituição da subjetividade.

A atitude transcendental é, entretanto, complementar à atitude natural<sup>13</sup>, já que seu fundamento se encontra na primordialidade constitutiva da crença de nossa inerência ao mundo. Assim, o corpo se torna o correlato do mundo que já está aí, mundo que não pertence mais à esfera do “eu penso” do sujeito, mas à esfera do “eu posso” em abertura ao mundo, em plena atividade motora que reside no *corpo próprio*. É dessa maneira que a fenomenologia das essências se torna uma fenomenologia da existência<sup>14</sup>. E, “se é verdade que tenho consciência de meu corpo através do mundo [...] para o qual os objetos voltam a sua face, é verdade pela mesma razão que meu corpo é o pivô do mundo”<sup>15</sup>, já que com ele posso chegar à determinação de um objeto a partir da percepção dos vários perfis que o objeto me apresenta ou mostra. Ora, mas se ver é sempre ver de algum lugar<sup>16</sup>, ter consciência do meu corpo e da determinação que posso fazer dos objetos através dos aparatos da corporeidade, não exigiria,

<sup>12</sup> Carlos Alberto R. de Moura desenvolve essa ideia no seu livro intitulado *Racionalidade e Crise*. O ponto ali é mostrar que, em Husserl, a abertura começa com o reconhecimento de uma categoria em geral, uma unidade que está presente no domínio antepredicativo e que é irreduzível ao sensível e ao inteligível. Essa unidade, entendida como síntese, não seria um ato do sujeito, mas “essa síntese se efetua nas coisas [...] ela é algo que eu encontro, não um produto do entendimento” (2001, p.147). Em Merleau-Ponty, dentro do problema da objetividade, não da esfera subjetiva e transcendental, temos um ponto de interrogação acerca dessa articulação: “O mistério é aqui a racionalidade do mundo fático [...] A subjetividade transcendental – condição de possibilidade da objetividade – não prejudica existência de um cosmos racional” (*Ibid.*, p.149).

<sup>13</sup> Grosso modo, atitude natural seria aquela atitude própria ao senso comum e também à ciência, na qual a consciência dirigir-se-ia diretamente às coisas para analisá-las, abstraindo delas seus múltiplos modos de manifestação ou aparências

<sup>14</sup> Para Merleau-Ponty a fenomenologia não é somente o “estudo das essências”, ela recoloca as essências na existência. Essa recolocação das essências na existência faz com que o mundo possa ser compreendido a partir da sua facticidade e contingência. As essências são um meio, e não um fim, pois temos necessidade de passar pelas essências para que a nossa existência seja estendida pelo mundo, possibilitando um conhecimento de um campo de idealidade e a conquista da facticidade.

<sup>15</sup> MERLEAU-PONTY, 1972, p. 97.

<sup>16</sup> Cf. *ibidem*, p. 81.

necessariamente, algo que explicasse o fenômeno da ambiguidade<sup>17</sup> como participante da estrutura do ser-no-mundo?

O corpo opera tanto com a generalidade do seu campo perceptivo quanto com a atualidade dos percebidos do mesmo. Não há mais um modo de disjunção exclusiva suscitados pelo impasse do pensamento cartesiano. Harmonicamente, o corpo que desvenda a situação da existência, também mantém o passado sempre em aproximação. São duas formas constitutivas de um mesmo fenômeno, que se origina na vivência do pré-objetivo. Entre a sensação causada pelo objeto e o acesso a uma experiência passada do objeto não há separação; ela se faz necessária no momento de construções de juízos e asserções das ciências empíricas e na elaboração de um discurso do pensamento objetivo. Entretanto, na experiência originária e espontânea do ser-no-mundo, que dá origem a toda objetividade, é onde temos a imbricação de passividade e atividade da consciência perceptiva, acompanhadas de todo o movimentar-se corporal do eu no mundo. Um certo fluxo de interações, pela qual o corpo se depara em relação constante com o mundo, concretiza certo tipo de experiência: a experiência antepredicativa.

### **O corpo próprio e sua função na experiência antepredicativa.**

O corpo é possuidor de certa ambiguidade que o transforma em mediador entre o mundo sensível e o mundo inteligível. O corpo compreendido dessa forma, como aquele que desfecha a existência em situação e que tem a capacidade de transitar entre as esferas do físico e do psíquico, será o ser que se põe em atividade, o ser ativo que se inclina livre e racionalmente para todo o movimento que culmina em juízos de qualquer ordem. E Merleau-Ponty argumenta:

O que importa [...] não é meu corpo como de fato ele é, enquanto coisa no espaço objetivo, mas meu corpo enquanto sistema de ações possíveis, um corpo virtual cujo “lugar” fenomenal é definido por sua tarefa e por sua situação. Meu corpo está ali onde ele tem algo a fazer (MERLEAU-PONTY, 1972, p. 289).

No desenvolvimento do seu estudo na *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty apresenta a sua concepção de corpo próprio, de corpo fenomenológico<sup>18</sup>, num horizonte de corporeidade que vai além da fisiologia. O exprimir-se no mundo de um corpo, o movimentar desse mesmo corpo e sua realização enquanto constituição de um poder de ação, torna o corpo não somente a possibilidade de contato espontâneo do homem com o mundo, mas, como já

<sup>17</sup> Cf. SILVA, 2009: p. 71, nota de rodapé 61.

<sup>18</sup> Há uma preponderância do papel do corpo na filosofia de Merleau-Ponty. O corpo apresenta-se como aquilo que dá estrutura aos estímulos, fazendo com que o meio tenha sentido para aquele afetado por eles. O corpo tem uma participação ativa na produção da experiência e, por isso, ele é fenomenal, isto é, o corpo se volta aos estímulos objetivos promovendo a determinação do sentido prático dos estímulos e produzindo significações.

foi dito, o torna ser-no-mundo. Isso sobrevém na medida em que “não é nunca nosso corpo objetivo que movemos, mas nosso corpo fenomenal, e isso sem mistério, porque já era nosso corpo, enquanto potência de tais e tais regiões do mundo, que se levantava em direção aos objetos [...]”<sup>19</sup>.

Desaparece, então, a clivagem entre o sujeito interior e o corpo exterior, pois na experiência do mundo percebido o “em-si” e o “para-si” se confundem ao ponto de não haver mais distinção entre eles. O corpo em sua totalidade irá participar do fenômeno da percepção, “a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes, o comportamento extravasa seu setor central”<sup>20</sup>, e é isso que contribui para a refutação da ideia de um corpo reduzido à condição de objeto, e crava o papel central do corpo próprio como criador de significação a partir do contato e das aparições dos objetos pré-dados.

Sendo o nosso corpo apto a determinar o seu campo de movimento e de percepção pela delimitação do espaço e do tempo que o orientam, não se pode considerá-lo simplesmente um objeto. Assim,

O corpo não é qualquer um dos objetos exteriores, que apenas apresentaria essa particularidade de estar sempre aqui. Se ele é permanente, trata-se de uma permanência absoluta que serve de fundo à permanência relativa dos objetos que podem entrar em eclipse, dos verdadeiros objetos. A presença e a ausência dos objetos exteriores são apenas variações no interior de um campo de presença primordial, de um domínio perceptivo sobre os quais meu corpo tem potência (MERLEAU-PONTY, 1972, p. 108).

Há, em nosso corpo, a presença de uma postura, cujos comportamentos nela implicados indicam o envolvimento do corpo num campo primordial de todas as percepções. Ao corpo, enquanto ponto zero de todo fio intencional que é lançado ao mundo, de toda experiência perceptiva na antepredicação, de todo princípio de ação, é dado o poder de se compreender no espaço e se movimentar no tempo. Isso ocorre, não como uma fixação posicional, mas por uma situação na qual ele se encontra. Apresentando-se em situação, o corpo se projeta para o mundo numa imbricação de vividos próprios. Espaço e corpo não existem como realidades separadas<sup>21</sup>. A este entrelaçamento do corpo no mundo evidenciado, Merleau-Ponty chama de “*esquema corporal*”, ou seja, “uma maneira de exprimir que meu corpo está no mundo”<sup>22</sup>.

<sup>19</sup> MERLEAU-PONTY, 1972, p.123.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 90.

<sup>21</sup> O espaço, ou “espacialidade primordial” como esboça Merleau-Ponty, não existe para o corpo que sou como uma realidade separada. E é justamente nisso que consiste a investigação de Merleau-Ponty: na evidência de um espaço que se desenrola através de meu corpo que está desde sempre envolvido no espaço. O lugar do corpo nesse espaço, que é o espaço vivido, espaço percebido no movimento do corpo, deve ser entendido como uma espécie de adesão essencial à forma do mundo – adesão corporal como abertura à trama que orienta cada gesto.

<sup>22</sup> MERLEAU-PONTY, 1972, p. 117.



O entendimento da ideia de esquema corporal nos ensina que os nossos movimentos corporais não são deslocamentos objetivos aos quais o *eu* seria expectador, mas são modalidades de diferentes tipos que se estabelecem na relação com o mundo onde o meu corpo é o veículo do ser-no-mundo. Assim, depois da delimitação referente ao esquema corporal como simples poder de localização espacial e movimentação temporal do organismo, temos um novo tema de análise: a consciência pré-reflexiva na experiência antepredicativa. Aqui, poder-se-ia aludir que Merleau-Ponty trabalha com a noção de *fé perceptiva* para esclarecer que a constituição do mundo e das coisas pela consciência só poderá ser sintetizada quando a consciência “desce” à terra. A consciência pré-reflexiva e encarnada nos permite pensar que “todo o ser da experiência está sensivelmente pré-dado para nós, assim, [...] antes de iniciar-se qualquer atividade cognitiva já existem, sempre para nós, alguns objetos pré-dados em certeza simples”<sup>23</sup>.

É porque temos a *fé perceptiva* de estarmos em contato com o mundo tal como ele existe em si mesmo que a delimitação dele e das coisas que nele aparecem torna-se possível. A captura dessa “certeza de crença”, como diria Husserl, anterior e independente de qualquer esforço reflexivo, é o que atribui sentido à experiência antepredicativa, nos impelindo corporalmente ao encontro das manifestações de dados sensíveis e à formulação de conceitos ainda não bem esclarecidos.

Em *O Visível e o Invisível*, Merleau-Ponty atribui à noção de *fé perceptiva*<sup>24</sup> a mesma já referida na *Fenomenologia da Percepção*, a saber, a *fé perceptiva* era associada à consciência pré-reflexiva e explicitava o sentido de “percepção”. Embora a atividade da consciência não dispõe de dados absolutamente certos para uso em asserções teóricas, a *fé perceptiva* permite com que a consciência apreenda dados pré-conceituais na experiência antepredicativa, que poderão dar certeza às visadas ativas da consciência, pois “todo pensar pressupõe objetos previamente dados”<sup>25</sup>.

A relação aqui, entre consciência pré-reflexiva e mundo, se opera entre as coisas e um corpo. Essa relação nunca se dará pela consciência pura analogamente aos objetos puros, como descreverá o “primeiro” Husserl. O que temos são dois polos: corpo-mundo, que só permanecem presentes quando as coisas aparecem ao eu, e o eu toma o mundo pelo corpo e expressa a sua entrada nele buscando explicitar “como se forma em mim, o mundo objetivo

---

<sup>23</sup> HUSSERL, 1970, p. 32.

<sup>24</sup> Em *O Visível e o Invisível*, Merleau-Ponty pretende investigar o contato com o mundo bruto, interrogando a relação entre a experiência ingênua e o “homem natural”. Nota-se da percepção de mundo que não é existente por si mesmo, mas de um mundo feito carne formador do sujeito e do objeto; mundo sensível enquanto horizonte aberto pela *fé perceptiva*.

<sup>25</sup> HUSSERL, 1970, p. 21.

comum a todos”<sup>26</sup>. E, “se posso alcançar o objeto, não é que eu o constitua do interior: é porque pela experiência perceptiva eu me afundo na espessura do mundo.”<sup>27</sup>

Contudo, “ser uma consciência, ou antes, *ser uma experiência*, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles”<sup>28</sup>. Tendo um corpo posso inserir-me no mundo e ser confundido com os outros corpos, embaralhar-me em meio aos objetos e vir a ser uma entre as demais coisas físicas manifestadas no mundo. Este corpo é o corpo ao qual chamo de “meu”, é o corpo com o qual escrevo, danço ou observo os outros corpos existentes junto ao meu e, concomitante, acabo por ter uma percepção única deste corpo que é meu. Com isso, o corpo fenomenal é aquele que possui uma particularidade própria na qual será simultaneamente sujeito e objeto, e que se revelará como o portador da existência. Merleau-Ponty complementa afirmando que

A experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade (MERLEAU-PONTY, 1972, p. 231).

De acordo com essa descrição Merleau-Ponty transforma a concepção tradicional de motricidade<sup>29</sup> ao introduzir uma maneira peculiar de se pensar a existência através da motricidade enquanto modalidade do ser-no-mundo, inserida num horizonte em que a essência e existência<sup>30</sup> se compreendem. O *Cogito* reduzido a uma atividade do pensamento não abarca o leque de experiências do ser-no-mundo, já que o “lugar” onde se funda o sentido e onde se pode conhecer a conexão entre essência e existência é o corpo em seu movimento na experiência antepredicativa. Para tanto, “a motricidade não é como uma serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço em que nós previamente nos representamos”<sup>31</sup>, mas é compreendida como intencionalidade original, onde o sujeito corporal está num âmbito de um “eu posso”.

Com a apreensão ativa da experiência antepredicativa, e pelo movimento de meu corpo, posso visar as coisas através dele, posso tocá-las, como também criando outros tipos de ações através delas, como por exemplo, posso apertar um parafuso solto com uma ferramenta. É neste universo de uma potência da ação que se concretiza a compreensão das significações que emergem da experiência sensível. Assim, “longe de a experiência do movimento próprio condicionar a posição de um objeto, ao contrário é pensando meu próprio corpo como um

<sup>26</sup> SILVA, 2009, p. 222.

<sup>27</sup> MERLEAU-PONTY, 1972, p. 236.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 113.

<sup>29</sup> Entendida como conjunto de relações asseguradas pelo sistema nervoso.

<sup>30</sup> Cf. MERLEAU-PONTY, 1972: p. i.

<sup>31</sup> MERLEAU-PONTY, 1972, p. 193.

objeto móvel que posso decifrar a aparência perceptiva [do objeto]”<sup>32</sup>. Como argumenta Merleau-Ponty:

Meu corpo e o mundo não são mais objetos coordenados um ao outro por relações funcionais do gênero daquelas que a física estabelece. O sistema da experiência no qual eles se comunicam não está mais disposto diante de mim e percorrido por uma consciência constituinte. *Eu tenho* o mundo como indivíduo inacabado através de meu corpo enquanto potência desse mundo, e tenho a posição dos objetos por aquela de meu corpo ou, inversamente, a posição de meu corpo por aquela dos objetos, não em uma implicação lógica [...] mas em uma implicação real, e porque meu corpo é movimento em direção ao mundo (MERLEAU-PONTY, 1972, p. 402).

Diversamente de Husserl, Merleau-Ponty aponta que o corpo como “uma coisa introduzida entre o resto do mundo material e a esfera subjetiva”<sup>33</sup>, como *corpo próprio*, não é apenas um intermediário entre duas realidades distintas, mas que essas duas realidades são inerentes ao corpo. Noutras palavras, o corpo é possuidor tanto de uma esfera espiritual quanto de uma esfera sensível, pois “o homem ‘natural’ segura as duas pontas da corrente”<sup>34</sup>, sentindo e pensando simultaneamente na experiência da percepção. Dessa forma, o corpo não é somente um objeto entre outros objetos no mundo, nem somente uma *res cogitans* que conhece as coisas apenas através da intelecção. Se, por um lado, há um corpo é um objeto a ser analisado cientificamente, por outro lado, há uma referência do corpo na qual ele que é sujeito e objeto ao mesmo tempo, ele é tomado enquanto o sujeito de percepção. Por isso, o corpo se torna, no horizonte da experiência antepredicativa, o sujeito de percepção dos dados sensíveis. É ele quem fará, enquanto consciência perceptiva, a construção judicativa acerca desses dados apreendidos perceptivamente.

Que não se pode suspender a tese da existência do mundo fica claro a partir da introdução dessa ideia de corpo próprio. Se trata, agora, de considerar indispensável o fenômeno que ativa a inerência do sujeito a um corpo localizado e, conseqüentemente, a descrição do fenômeno originário de nossa abertura ao mundo. Por esta razão, o *eu* como consciência perceptiva, enquanto fonte de sentido do mundo e abertura de possibilidades, enquanto eu transcendental, ao voltar-se para a realidade objetiva se choca com um *outro corpo*, que não é o corpo do eu, mas que é igualmente doador de sentido na medida em que percebo uma intencionalidade diferente para com os mesmos objetos dados: um outro que está aí para mim no mundo de minhas percepções; um outro para o qual a minha subjetividade se volta e o experincia numa *intersubjetividade* através de uma relação empática. Como Silva comenta:

<sup>32</sup> *Ibid.*, pp. 235-236.

<sup>33</sup> HUSSERL, 2001, §55.

<sup>34</sup> MERLEAU-PONTY, 1984, p. 20.

É preciso levar em conta que “outrem” se desvela como uma experiência incontestável sob a forma de um fenômeno *sui generis*: a *empatia ou intropatia (Einfühlung)*. Este fenômeno é o que manifesta, em carne e osso, um gênero de experiência singular, qual seja, a de uma ocorrência sobre-reflexiva e estesiológica da percepção das vivências de outrem, pois, muito especialmente, na atitude natural, encontro-me no seio do mundo – eu entre os outros – dos quais me distingo e aos quais me oponho (SILVA, 2009, p. 223).

Em Husserl, é necessário, primeiramente, dar sentido ao *eu* e ao que me é próprio, para melhor situar como o sentido de outro e do mundo de outrem partem do sentido do Eu. Nas palavras de Husserl: “evidentemente, é preciso possuir a experiência dessa esfera de vinculação própria do eu para poder constituir a ideia da experiência de um outro que não eu”<sup>35</sup>. É dessa experiência de um outro que não é eu que trataremos de elucidar, a partir de agora, no sentido de compreender como se torna possível admitir juízos éticos a partir da percepção de outro.

### Percepção de outrem na antepredicatividade

Na passividade de minha consciência sou afetado por um objeto que não é um objeto igual aos demais que percebo. Há um objeto que se movimenta em meios os outros, isto é, que realiza comportamentos aos quais não sou eu quem dá sentido. O corpo de outrem se mostra através da sua presença carnal, e é preciso que ele seja de algum modo compreendido ou vivido pelo eu para que sua presença seja aceita como um fato para a minha consciência. Ora, a análise da percepção do outro encontra dificuldade desde o início. Há um paradoxo peculiar à consciência constituinte. Há um olhar, entretanto, que me olha, que tanto me transforma em objeto quanto em uma consciência vista a partir do corpo que me vê podendo expressar algo, e, para isso, é preciso que haja uma compreensão da minha abertura ao outro e, conseqüentemente, da comunicação entre o meu comportamento e o dele no cenário do próprio mundo.

O outro, diante de mim, seria um em-si, porém, para ser percebido dessa maneira, o eu teria que distingui-lo de sua consciência no sentido de vir pensá-lo como uma outra consciência que doaria sentido às coisas. O problema é que pensar o outro como consciência seria impossível do ponto de vista objetivo, pois a minha consciência já se estipula como consciência constituinte, reduzindo o outro e transformando-o em algo impessoal. Ora, o outro para ser percebido diferente de mim, ele seria situado como objeto, mas pensado como consciência? Parece que temos aqui um problema, pois se eu percebo outrem como uma

---

<sup>35</sup> HUSSERL, 2001, p. 110.

consciência, eu também me tornaria o objeto dessa relação, já que o mundo não poderia ser constituído por mais de uma consciência. E se eu penso outrem como puro objeto, ele jamais poderia ser compreendido como uma existência em situação. É o que Merleau-Ponty infere nessa passagem:

Sem dúvida, eu não me sinto nem constituinte nem do mundo natural nem do mundo cultural: em cada percepção, em cada juízo, faço intervir, seja funções sensoriais, seja montagens culturais que atualmente não são minhas [...] diremos que, *para mim*, a existência de outrem é um simples fato? Mas em todo caso trata-se de um fato para mim, é preciso que ele esteja entre minhas possibilidades próprias, e que, de alguma maneira, ele seja compreendido ou vivido por mim para que possa valer como fato (MERLEAU-PONTY, 1972, p. 411).

Todavia, há uma coexistência entre *eu* e *outrem* firmada pela interação de nossos corpos. Entro em relação com outrem em virtude de seu corpo fenomenal que, assim como o meu corpo, possui um “algo” que insinua uma existência. Acabo por descobrir o outro, não como puro em-si nem como objeto para mim, mas como um sujeito que se refere ao mesmo mundo que o eu.

Assim,

Por meio da noção de outrem, Merleau-Ponty tenta esclarecer em que sentido o próximo pode coexistir comigo sem se reduzir a uma formulação minha. Enquanto outrem, o próximo é diferente de mim, é invisível para mim, e sempre o será, mas essa alteridade radical só é alteridade porquanto ela se manifesta em um visível como eu, em um corpo habitante de um mundo sensível. Eis em que sentido, dirá Merleau-Ponty, não devemos entender “outrem” como consciência, mas como “habitante de um corpo, e através dele, do mundo” (MÜLLER-GRANZOTTO, 2008, pp. 11-12).

Por conta dessa expressividade corporal, a presença de outrem confirma que a experiência do mundo cultural e social brota dessa experiência antepredicativa. Os comportamentos do outro que são dados na experiência antepredicativa têm um reflexo no mundo e emitem uma atmosfera de modos de ver o mundo; tais comportamentos o fazem sair do anonimato e marcam sua presença diante do eu.

Para Merleau-Ponty, na percepção de condutas o eu nunca está totalmente isolado do outro, já que inexiste uma consciência fechada sobre si mesma. Além dessa compreensão da presença do outro no meu campo perceptivo, para o eu abrir-se ao outro é preciso que o outro apareça como sujeito de percepção, sujeito já investido dos aspectos intencionais de sua própria experiência vivida. *Outrem*, dessa forma, enquanto imerso no seio da experiência antepredicativa, se torna essa consciência sob um certo ponto de vista sobre o mundo. Em meu campo visual

Meu olhar cai sobre um corpo vivo prestes a agir, no mesmo instante os objetos que o circundam recebem uma nova camada de significação: eles não são mais aquilo que eu mesmo poderia fazer com eles, são aquilo que este comportamento vai fazer com eles (MERLEAU-PONTY, 1972: p. 406).

Dito isso, o outro se revela, antes de tudo, um comportamento que percebo. O que isso significa na filosofia de Merleau-Ponty? Significa que o outro não é uma coisa diante de mim já que, fundamentalmente, ele se desvela como um corpo que realiza movimentos intencionais implicando certas condutas perceptivas. Há aí uma unidade vivida por duas subjetividades; unidade na qual os corpos fenomenais se expressam numa comunicação intersubjetiva a partir de vivência pré-reflexiva.

Percebendo as condutas do outro, ele se faz presente a mim antes de qualquer construção que eu possa fazer dele, ou antes de qualquer analogia. Ele se torna evidente na antepredicação, isto é, antes de qualquer juízo valorativo, prático ou dóxico. Há a invasão de seus gestos em meu campo de percepção, já que, como reconhece Müller-Granzotto,

[...] o mundo não assegura aos sujeitos a coexistência efetiva. Para tal, é preciso que eu e meu semelhante possamos estabelecer um contato direto, anterior às nossas construções intelectuais. No âmbito desse contato, somo, primeiramente, corpos anônimos, que dividem intenções comuns edificadas na forma de comportamentos que podemos mutuamente perceber e que são consagrados ao mesmo mundo. Trata-se de comportamentos pré-pessoais, que ainda não denunciam nossa subjetividade. Só mais tarde, à medida que passam a exprimir com mais intensidade algo já antecipado pelas coisas, é que nossos comportamentos denunciam nossas subjetividades (MÜLLER-GRANZOTTO, 2010, pp. 323-324).

Pode-se pensar que a presença de outem não é integralmente explicada no âmbito da exterioridade ou da interioridade, pois as experiências próprias dão a certeza de uma existência na qual não é possível distinguir entre o corpo e a consciência. Assim, como minha consciência está voltada para o mundo, a do outro também está. Por meio desse comportamento coextensivo, o mundo cultural adquire valor, já que ele se insere a partir de uma experiência mais ampla, uma experiência antepredicativa. Na presença de outrem, o meu corpo e o corpo dele estão em coexistência numa interação intersubjetiva na qual os gestos meus e os seus se intencionam estesiologicamente. Como descreve Merleau-Ponty: “É a transferência de minhas intenções para o corpo do outro, e as intenções do outro para o meu corpo, esta alienação do outro por mim e de mim pelo outro que torna possível a percepção do outro”<sup>36</sup>. Em oposição a Descartes, a percepção do outro não é a percepção de um manequim, um objeto cuja vida interna dependeria de mim, mas a percepção do outro me revela uma totalidade humana e uma interioridade através da sua expressividade corpórea.

Ao analisar o outro dessa maneira, a experiência intersubjetiva na antepredicatividade revela algo a mais além de objetos que podem ser inseridos em juízos predicativos. O outro me mostra, a partir de suas condutas e da atividade prática, que se pode chegar ao “estabelecimento de valores, o julgamento do valor, são como tais constituídos a

<sup>36</sup> MERLEAU-PONTY, 1984, p. 37.

partir um valorar *sobre* os objetos pré-dados, que justamente em nossa certeza de crença já se dão diante de nós como existentes e são tratados como tais”<sup>37</sup>. Fenomenologicamente, o outro é evidente e visível pelo seu corpo que não é apenas objeto para mim. Ao ser engajado em um mundo físico e social, ele tem determinadas condutas que adentram em meu campo perceptivo e em meu mundo.

Nas *Meditações Cartesianas*, Husserl nos mostra que na ocorrência da percepção de simples corpos no mundo circundante se verifica, também, um fenômeno singular da consciência de um outro sujeito. Esse corpo diante de mim, dado num fluxo de simples percepções, torna-se lugar de apresentação (*Appräsentation*) de uma outra realidade que é apreendida analogamente à própria experiência de mim mesmo. Pode-se dizer que, na percepção desse corpo, sobrevém a consciência de um outro sujeito que será visto como uma outra vida de consciência que vem exprimir-se nos movimentos corporais que expressam disposições de vontade, sentimentos, emoções. *Outrem* é igualmente doador de sentido e ele está aí no mundo das percepções da minha consciência. Sinto uma outra presença corporal que não é a presença do meu corpo como ponto de orientação no mundo e como único ponto de partida de sentidos e significações. Essa sensibilidade só é focada quando despertada por um ato de *atenção*<sup>38</sup>, como diz Merleau-Ponty, que “não cria nada”, mas faz jorrar novas percepções firmadas pela intercorporeidade.

É sob um aspecto de generalidade que consigo interpretar e compreender a dor ou a raiva do outro, pois, embora a dor ou a raiva não tenham o mesmo significado para ambos, há um terreno comum, um *intermundo* que nos põe em constante leitura de gestos e expressões de situações familiares. Existe uma reciprocidade entre as nossas intenções perspectivada em um mesmo mundo comum, possibilitando o estabelecimento de uma comunicação que não me faz pensar na raiva enquanto gesto, mas me faz ler a raiva no próprio gesto corporal do outro.

Apreendemos *outrem* primordialmente pela afetividade corporal que nos impele à abertura de outrem sobre o eu e do eu sobre o outrem. Concomitantemente, todos os nossos sentimentos, vontades, paixões, enfim, todo o nosso comportamento afetivo é intencional. Essa intencionalidade que se manifesta na expressividade corporal, nasce junto dessa condição prévia e antepredicativa ao nível de uma natureza primordial. Ora, esse estatuto já está posto desde *A Estrutura do Comportamento*. Portanto, podemos concluir que a afetividade expressa pelo nosso corpo nos dá luz à interioridade do outro. Para isso, a *atenção*

<sup>37</sup> HUSSERL, 1970, §12, pp. 61-62.

<sup>38</sup> Cf. MERLEAU-PONTY, 1972: pp. 34-35.

é relevante no sentido em que permite o eu retornar às coisas despercebidas, revelando à consciência o que desde já estava ali no mundo. Quando outrem aparece em meu campo perceptivo, tudo aquilo que pertence a ele e que não era visto se realça ou se presentifica fenomenologicamente, pois a *atenção* descortina comportamentos que são de outra ordem que não é a própria e de outro corpo que não é o meu. Outrem enquanto sujeito de seus comportamentos, não é um outro eu, não é *alter ego*<sup>39</sup>, husserliamente aqui concebido. Embora, seja sempre na minha consciência que acontece a afetação e a apreensão, é preciso perceber outrem, tanto quanto eu, como fenômeno corporal no mundo e sujeito de percepção. Essa afetação mais geral brota do mundo comum, intersubjetivo, isto é, estesiologicamente inscrito. Merleau-Ponty segue a ideia de que

novamente e cada um de nós opera em seu mundo privado [...] Ao contrário, eu não tenho, rigorosamente, nenhum terreno comum com outrem... uma vez outrem posto, uma vez que o olhar de outrem sobre mim, inserindo-me em seu campo, me despojou de uma parte de meu ser, compreende-se que eu só posso recuperá-la travando relações com outrem [...] em primeiro lugar seria preciso saber como pude pôr outrem. Enquanto eu nasci, enquanto tenho um corpo e um mundo natural, posso encontrar nesse mundo outros comportamentos com os quais o meu se entrelace [...] (MERLEAU-PONTY, 1972, p. 410).

Na vivência pré-objetiva do corpo, eu e o outro compartilhamos um mesmo horizonte, ou seja, experienciamos a possibilidade da certeza de outrem, a saber, a evidência de uma experiência intersubjetiva. A partir da comunicação de uma intenção, de uma reflexão ou da observação de um gesto e de ideias contidas num diálogo, é firmada a base comum, o intermundo entre eu e o outro. A percepção de comportamentos meus e comportamentos uma vez deflagrada funda uma intercorporeidade, isto é, uma intersubjetividade.

---

<sup>39</sup> É preciso ressaltar que, para Husserl, o outro aparece fenomenologicamente como uma alteração, uma modificação do meu eu; a consciência é “minha” por se opor ao “outro” (cf. HUSSERL, 2001, §42). Assim, cada compreensão de outrem que efetua cria novas possibilidades de compreensão e cada compreensão efetuada desvenda a minha própria vivência psíquica onde o eu transcendental se revela como fonte doadora do sentido que ao mundo objetivo.



## Referência Bibliográfica

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I, 6ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco (Col. Pensamento Humano), 1997.

HUSSERL, Edmund. *Expérience et jugement*. Trad. Denise Souche-Dagues. Paris: PUF (Épiméthée, 1970).

\_\_\_\_\_. *Meditações cartesianas – introdução à fenomenologia*. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A estrutura do comportamento*. Trad. Márcia Valéria Martins de Aguiar. Martins Fontes: São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *As relações com o outro na criança*. Trad. de José Carlos Lassi Caldeira e José Américo de Miranda Barros. Belo Horizonte: SEGCP/Imprensa Oficial, 1984.

\_\_\_\_\_. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Trad. Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1972.

\_\_\_\_\_. *O visível e o invisível*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva (Col. Debates), 1984.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. *Racionalidade e crise: estudos da História da Filosofia Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial/Editora da UFPR, 2001.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Razão e experiência – ensaio sobre Merleau-Ponty*. Rio de Janeiro: UNESP, 2006.

MÜLLER-GRANZOTTO, Marcos José. *Merleau-Ponty: acerca da expressão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. *Merleau-Ponty e Lacan: a respeito do estranho*. In: Revista AdVerbum 3 (1) jan e jul, 2008, pp. 3-17.

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. *A carnalidade da reflexão: ipseidade e alteridade em Merleau-Ponty*. São Leopoldo (RS): Nova Harmonia, 2009.

\_\_\_\_\_. *A natureza primordial: Merleau-Ponty e o logos do mundo estético*. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2010.